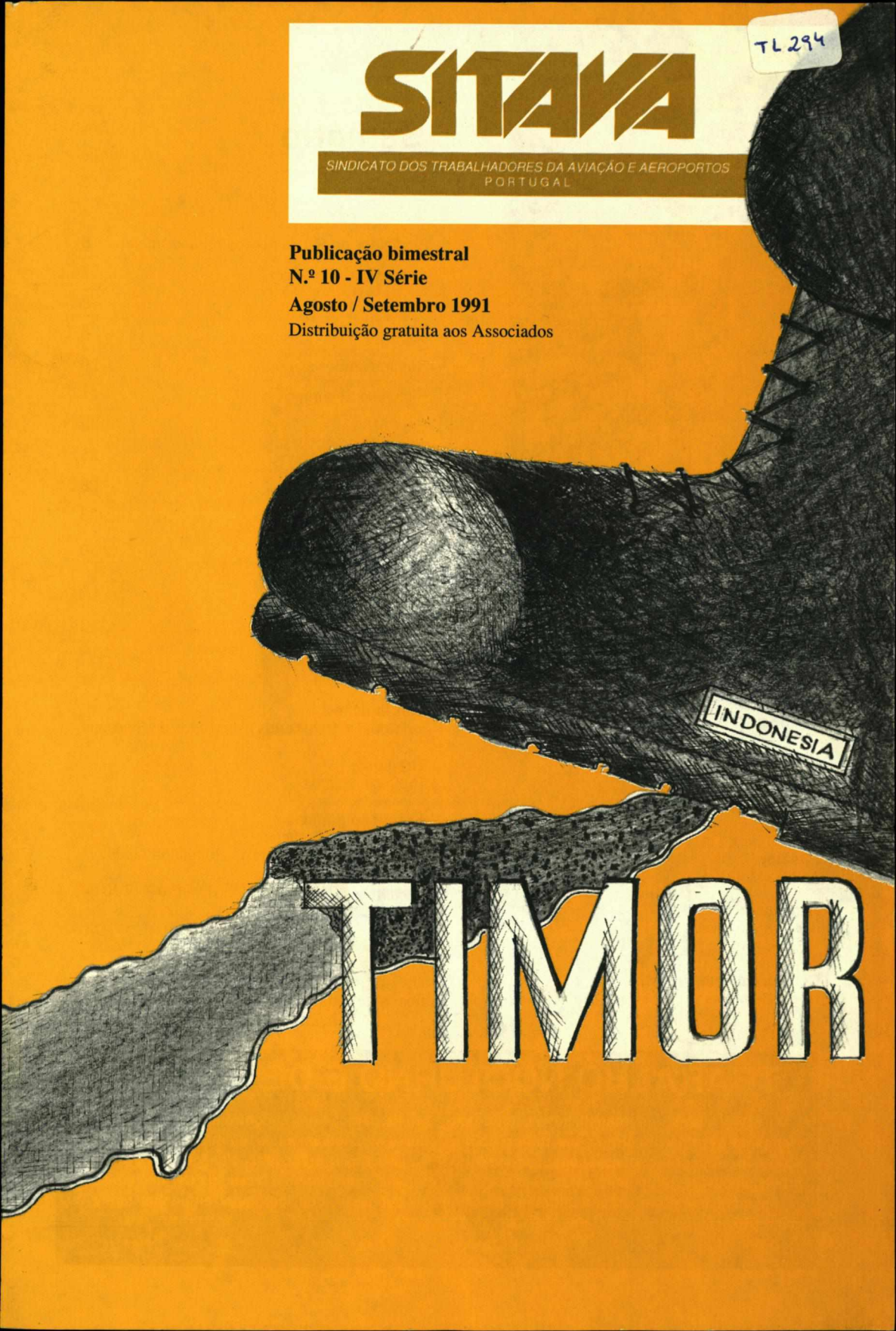
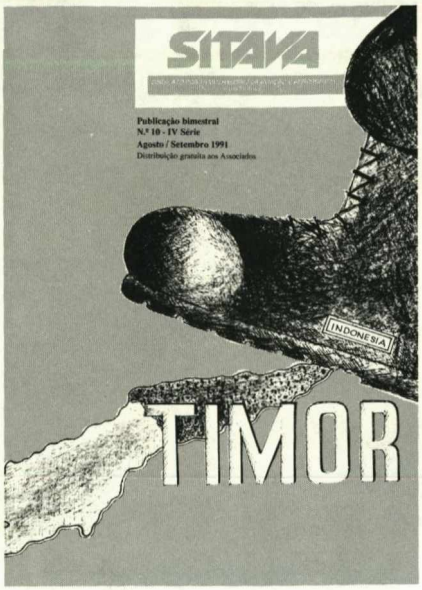
TL 294

SITAVA

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA AVIAÇÃO E AEROPORTOS
PORTUGAL

Publicação bimestral
N.º 10 - IV Série
Agosto / Setembro 1991
Distribuição gratuita aos Associados





Sumário

1º Página	3
Notícias / Sindicato	4
Sindicatos do Sul da Europa organizam-se	5
Contratação Colectiva	7
Em Foco	8
Especial	9
Segurança Social	20
Higiene e Segurança	21
Em Foco	22
Opinião	25
Página Aberta	26
Tempos Livres	28
Livros e Discos	30

Proprietário:
SITAVA
Sindicato dos Trabalhadores
da Aviação e Aeroportos
Rua da Palma, 278-2º – 1100 LISBOA
PORTUGAL
Telefones 86 00 34 - 87 25 77 - 87 27 07
Fax 87 61 38

Depósito legal:
109 338/83

Empresa jornalística:
209 337

Director:
António Monteiro

Redacção:
José Adriano Ávila
Ricardo Preto

Colaboram neste número:
Daniel de Matos

Capa:
Pissarra Luís

Distribuição:
Individual e gratuita aos associados do Sindicato

Tiragem:
7500 exemplares

Execução gráfica:
FNAC - Artes Gráficas
Av. dos Cavaleiros, Lote 1 - Portela da Ajuda
1495 LISBOA
Telefone 417 13 30 / 31 / 32 / 33 – Fax 417 13 34

Os artigos assinados não transmitem necessariamente a posição da Direcção Nacional

TRABALHO NOCTURNO E DE TURNOS

O SITAVA pretende intensificar o estudo dos efeitos do trabalho nocturno e por turnos, com o objectivo de minorar os efeitos negativos que comprovadamente resultam para o trabalhador.

Assim, está em preparação um número especial da Revista dedicada ao tema, estando ainda em preparação um Encontro aberto aos trabalhadores submetidos a tais regimes.

Esta nossa preocupação encontra eco noutras organizações, como é o caso da OIT que em 1990 se debruçou, com particular empenho, sobre o tema.

1ª PÁGINA

TIMOR LESTE NÃO PODE PERMANECER NO ESQUECIMENTO

Quando em Janeiro deste ano as forças internacionais, comandadas pelos Estados Unidos, iniciaram a operação destinada a «obrigar» o Iraque a cumprir as directrizes da Organização das Nações Unidas, estabeleceram-se algumas opiniões divergentes quanto à forma, à oportunidade e às consequências da operação. Porém, é óbvio que iniciativas destinadas a realçar a necessidade do cumprimento das decisões das Nações Unidas, enquanto posições merecedoras da decisão práticamente unânime da comunidade internacional, só podem merecer concordância.

A importância da ONU, enquanto instituição com capacidade para intervir na resolução dos conflitos internacionais, ganhou então - e apesar de tudo - maior consistência, justificando-se que recordemos outras resoluções aprovadas pela ONU:

- Em Dezembro de 1975, aprovada por unanimidade pelo Conselho de Segurança e por esmagadora maioria pela Assembleia Geral, reclamando o imediato abandono de Timor Leste pelas tropas indonésias para que o seu povo pudesse exercer o seu direito à auto-determinação;
- Em Abril de 1976 foi aprovada pelo Conselho de Segurança nova resolução no mesmo sentido;
- Entre 1976 e 1982 a Assembleia Geral aprovou anualmente resoluções repetindo sempre três princípios básicos: 1º A questão de Timor Leste ser entregue aos bons ofícios do Secretário Geral; 2º O não reconhecimento ilegal da ocupação de Timor Leste pela Indonésia; 3º A manutenção de Portugal como potência administrante.

Por obstrução da Indonésia, potência que ocupou ilegalmente pela força Timor Leste em 1975, tais esforços têm-se vindo a gorar, acentuando-se os aspectos dramáticos da ocupação, podendo-se hoje falar em genocídio de um povo, o povo maubere, que se recusa submeter-se ao domínio de um país estrangeiro. A população de Timor Leste estava estimada em 1974 em cerca de 680.000 habitantes, tendo descido em 1980, ultimo censo conhecido, para 555.000.

Poder-se-á perguntar que têm os trabalhadores da Aviação e Aeroportos com tudo isto ou se a resolução desse tipo de problemas não caberá aos políticos.

Na nossa opinião não será exactamente assim pois sempre foi característica do movimento sindical o desenvolvimento de acções de solidariedade, as quais, em muitos casos, têm constituído um bom contributo para a resolução de algumas das injustiças que, infelizmente, ainda existem no mundo. Mas há mais, é que a situação de Timor Leste é, para nós portugueses, diferente, pois este país foi submetido durante quatro séculos à dominação colonial de Portugal, pelo que não podemos agora lavar as mãos de uma situação em que, enquanto país, tambem temos algumas responsabilidades, independentemente das pessoas ou organizações a quem elas possam ser atribuídas. Aliás, se foi recentemente motivo de regozijo nacional o papel da diplomacia portuguesa nas negociações para a paz em Angola, não pode haver, ao nível dos princípios, agora outra atitude a tomar que não seja um empenhamento nacional tambem em relação a esta situação.

Ultrapassadas divergências que em 1974/75 dividiram organizações timorenses, quanto à forma de encarar o futuro do país e ultrapassadas igualmente divergências entre as diferentes forças políticas portuguesas quanto à natureza do problema, nada impede um empenhamento nacional, das instituições e dos cidadãos, com vista à criação de condições, a nível internacional, para resolver democráticamente o futuro de Timor Leste.

É bom tambem não esquecer que embora as razões sentimentais não valham normalmente muito no relacionamento internacional, não pode ser para nós indiferente o destino de um país que lá no outro lado do mundo resiste à ocupação na defesa, entre outros, de valores como seja o de se continuarem a exprimir com a lingua portuguesa.

São estas as razões que devem justificar o nosso empenhamento, pois a nova ordem internacional que se está a definir não pode conter dois pesos e duas medidas, sob pena de se manterem os focos de tensão no mundo, pondo-se constantemente em causa a paz mundial. E para nós que trabalhamos em companhias de aviação ou aeroportos já ficou bastante claro, no recente conflito do Golfo, quanto é prejudicial para as companhias e para nós próprios o desencadeamento de conflitos que ameacem a paz mundial. ■

O CROCODILO QUE SE FEZ TIMOR

Disseram, e eu ouvi, que desde há muitos séculos um crocodilo vivia num pântano. Este crocodilo sonhava crescer, ter mesmo um tamanho descomunal. Mas a verdade é que ele não só era pequeno, como vivia num espaço apertado. Tudo era estreito à sua volta, somente o sonho dele era grande.

O pântano, é de ver, é o pior sítio para morar.

Água parada, pouco funda, suja, abafada por margens esquisitas e indefinidas. Ainda por cima, sem abundância de alimentos ao gosto de um crocodilo.

Por tudo isto, o crocodilo estava farto de viver naquele pântano, mas não tinha outra morada.

Ao longo do tempo, milhares de anos, parece,o que ia valendo ao crocodilo era o ele ser grande conversador. Enquanto estava acordado, conversava, conversava... É que este crocodilo fazia perguntas a si mesmo e, depois, como se ele próprio fosse outro, respondia-se-lhe.

De qualquer maneira, conversar assim, isoladamente, durante séculos, gastava os assuntos. Por outro lado, o crocodilo começava já a passar fome. Por dois motivos: primeiro, porque havia naquele charco pouco peixe e outra bicharada que lhe conviesse para refeição; segundo, porque só muito ao largo passava caça de categoria e tenra: cabritos, porquitos, cães...

Muitas vezes, exclamava para si próprio:

- Que grande maçada viver com tão pouco, e num sítio destes!

- Tem paciência, tem paciência...- dizia a si próprio.

- Mas viver de paciência não é coisa que alimente um crocodilo - recalcitrava-se-lhe.

Naturalmente que tudo tem um limite. Incluindo a resistência à fome. E o crocodilo entrou a sentir uma fraqueza que lhe quebrava o ânimo e o definhava. Os seus olhos iam-se amortecendo e já quase não podia levantar a cabeça e abrir a boca.

- Tenho de sair deste lugar, e procurar caça mais além...

Esforçou-se, galgou a margem e foi ganhando caminho através do lodo e, depois, da areia. O sol estava a pino, aquecia a areia, transformava todo o chão em brasas. Não havia safa, o crocodilo perdia o resto das suas forças e ia ficar, ali, assado.

Foi nesta altura que passou pelo sítio um rapazinho vivaz que exprimia os seus pensamentos cantarolando.

- Que tens, crocodilo, ah!, como tu estás?! Tens as pernas partidas, caíu-te alguma coisa em cima?

- Não, não parti nada, estou completamente inteiro, mas apesar de ser pequeno de corpo, há muito não aguento com o meu próprio peso. Imagina que nem forças tenho já para sair deste braseiro.

Respondeu o rapazinho:

- Se é só por isso, posso ajudar-te - e,logo de seguida, deu uns passos, carregou o crocodilo e foi pô-lo à beira pântano.

No que o rapazinho não reparava, era que, enquanto carregava o crocodilo, ele se animava ao ponto de arregalar os olhos, abrir a boca e passar a língua pela serra dos seus dentes.

- Este rapazinho deve ser mais saboroso do que tudo o que provei em toda a a minha vida - e imaginava-se a dar-lhe uma chicotada com a cauda para adormecê-lo e, depois, devorá-lo.

- Não sejas ingrato - diz-lhe o outro com quem ele conversava e era ele mesmo.

- A fome tem os seus direitos.

- Isso, é verdade, mas olha que trair um amigo é um acto indigno. E, este, é o primeiro amigo que tens.

- Então, vou deixar-me ficar na mesma, e morrer à fome?

- O rapazinho fez-te o que era preciso, salvou-te. Agora, se quiseres sobreviver, trabalha e procura alimento.

- Isso é verdade...

E quando o rapazinho o poisou no chão molhado, o crocodilo sorriu, dançou com os olhos, sacudiu a cauda, e disse-lhe:

- Obrigado. És o primeiro amigo que encontro.

Olha, não posso dar-te nada, mas se pouco mais conheces do que este charco, aqui, tão à nossa vista, e se um dia quiseres passear por aí fora, atravessar o mar, vem ter comigo...

- Gostava mesmo, porque o meu sonho grande é ver o que mais há por esse mar fora.

- Sonho... falaste em sonho? Sabes, eu também sonho...- arrematou o crocodilo.

Separaram-se, sem que o rapazinho sequer suspeitasse de que o crocodilo chegara a estar tentado a comê-lo. E ainda bem.

Passados tempos, o rapazinho apareceu ao crocodilo. Já quase o não reconhecia. Via-o sem sinais das queimaduras, gordo, bem comido...

- Ouve, crocodilo, o meu sonho não parou, e eu não o aguento mais cá dentro.

- O prometido é prometido... Aquele meu sonho... Mas com tanta caça que tenho arranjado, quase me esquecia dele. Fizeste bem em vir lembrar-mo, rapazinho. Queres, agora mesmo, ir por esse mar fora?

- Isso, só isso, crocodilo.

- Pois eu, agora, também. Vamos então.

Ficaram ambos contentes com o acordo. O rapazinho acomodou-se no dorso do crocodilo, como numa canoa, e partiram para o alto mar.

Era tudo tão grande e tão lindo!

O mais surpreendente para os dois, era o próprio espaço, o tamanho do que se estendia à sua frente e para cima, uma coisa sem fim. Dia e noite, noite e dia, nunca pararam. Viram ilhas de todos os tamanhos, de onde as árvores e as montanhas lhes acenavam. E as núvens também. Não sabiam se eram mais bonitos os dias se as noites, se as ilhas se as estrelas. Caminhavam, navegavam, sempre voltados para o sol, até o crocodilo se cansar.

- Ouve-me, rapazinho, não posso mais! o meu sonho acabou...

- O meu não vai acabar.

Ainda o rapazinho não tinha dito a última palavra, o crocodilo aumentou, aumentou de tamanho, mas sem nunca perder a sua forma primitiva, e transformou-se numa ilha carregada de montes, de florestas e de rios.

É por isso que Timor tem a forma do crocodilo. ■

Nota:Esta história, de Fernando Sylvan, encontra-se publicada no livro Cantolenda Maubere, no qual para alem de outras histórias do mesmo autor se incluem gravuras, muito bonitas, do pintor angolano António Domingues. Este livro é uma publicação da Fundação Austronésia Borja da Costa, tendo sido oferecido ao Sitava um exemplar pela Fretilin.